A HOMEOPATIA COMO CIÊNCIA: UMA ANÁLISE FILOSÓFICA[1]

SILVIO SENO CHIBENI*

SINOPSE

Neste artigo recorre-se à filosofia da ciência, ramo da filosofia que se ocupa da análise do conhecimento científico, para esclarecer algumas questões relativas ao debatido tema da cientificidade da homeopatia. Após traçar-se algumas distinções fundamentais entre tipos de teorias científicas, mostra-se que, quando restrita ao seu nível fenomenológico, a homeopatia apresenta uma estrutura teórica típica de um ciência genuína. Salienta-se, no entanto, a necessidade de se renovarem as pesquisas sobre as bases experimentais dessa teoria. Discute-se, por fim, a questão distinta das explicações dos fenômenos homeopáticos. Diversas confusões presentes tanto nas críticas como na defesa da homeopatia são apontadas

ABSTRACT

This article examines certain aspects of the controversial issue of the scientific status of homeopathy, with the help of philosophy of science. It is shown that, as a phenomenological theory, homeopathy displays a theoretical structure typical of a genuine science. The need for rigorous experimental research is, however, underlined. The distinct issue of the explanation of the homeopathic phenomena is briefly discussed. Several misunderstandings in both the criticisms and the defence of homeopathy are pointed out.

UNITERMOS

Homeopatia, ciência, filosofia da ciência, explicação científica, Hahnemann

KEYWORDS

Homeopathy, Science, Philosophy of Science, Scientific Explanation, Hahnemann

CIÊNCIA E TÉCNICA

Uma distinção preliminar importante para a presente discussão é aquela entre *ciência* e *técnica*. Na condição de disciplina médica, a homeopatia é, antes de tudo, uma técnica ou arte, cujo fim precípuo é restabelecer a saúde dos enfermos. Como toda técnica, baseia-se num certo conhecimento dos objetos sobre os quais opera. É com relação a esse conhecimento que o problema da cientificidade daquela arte médica deve ser examinado.

Embora a palavra *ciência* originalmente significasse *conhecimento*, é claro que em sua acepção usual em nossos dias designa um tipo especial de conhecimento, que se distingue, por exemplo, do conhecimento do homem comum. Constituiu tema dominante na filosofia da ciência do século XX a identificação de critérios que possibilitem demarcar o conhecimento científico das demais formas de conhecimento. Diversas teorias acerca da ciência foram propostas, a começar por aquela defendida pelos filósofos positivistas lógicos, na primeira metade do século. Essa teoria representou a articulação máxima da concepção de ciência que se estabeleceu a partir do nascimento da ciência moderna, no século XVII, e que mesmo hoje é comum entre leigos e cientistas.

Não há aqui espaço para discutir, ou sequer apresentar, as críticas que foram feitas a essa visão "clássica" da ciência, e que levaram ao seu abandono pelos filósofos da ciência. Noto apenas que *parte* das objeções comumente levantadas contra a homeopatia, enquanto disciplina científica, assim como das tentativas malsucedidas de defesa, parece decorrer da adoção implícita dessa concepção. É, pois, importante reexaminar o assunto à luz das concepções de ciência mais recentes e adequadas. A eventual atribuição de cientificidade à homeopatia depende da possibilidade de se identificar no conhecimento homeopático básico, subjacente à prática homeopática, os traços mínimos que, segundo as nossas mais aperfeiçoadas teorias filosóficas acerca da ciência, caracterizariam um corpo de conhecimento genuinamente científico. Creio ser possível argumentar, à luz dos critérios de demarcação entre ciência e não-ciência envolvidos nessas teorias, que o conhecimento homeopático estabelecido por Hahnemann apresenta-se numa estrutura teórica que o credencia como potencialmente científico. Retomarei esse tópico mais adiante. Antes disso, é necessário traçar a distinção entre dois tipos gerais de teorias científicas.

* Departamento de Filosofia - IFCH - UNICAMP
Campinas - SP
e-mail: chibeni@unicamp.br

[1] Este artigo é a versão revista de um texto apresentado no congresso "A Homeopatia no Século XXI", Unicamp, 29-30/11 e 1/12/2000.

TEORIAS FENOMENOLÓGICAS E TEORIAS CONSTRUTIVAS[2]

Toda ciência tem como motivação fundamental investigar uma certa classe de *fenômenos*, ou seja, eventos diretamente acessíveis à nossa observação ('fenômeno' = 'aquilo que aparece'). O estudo sistemático dos fenômenos requer a formulação de *teorias*. As teorias científicas podem ser divididas em duas classes, segundo a forma em que abordem os fenômenos de seu domínio.

1) *Teorias fenomenológicas.* Têm como objetivo básico estabelecer leis que expressem as correlações "aparentes" ou "superficiais" entre os fenômenos, denominadas leis *fenomenológicas*, ou *experimentais*. Exemplos simples seriam a lei de Boyle, segundo a qual a pressão de uma porção de gás mantida em temperatura constante varia inversamente com o seu volume, e a lei da hereditariedade que diz que pais de olhos azuis só terão filhos de olhos azuis. Quando proposições desse tipo cobrem toda uma área e se concatenam adequadamente, podem vir a formar teorias, que serão ditas *teorias fenomenológicas*. Há, na física, exemplos importantes de teorias desse tipo: a termodinâmica e a teoria da relatividade especial. Na biologia, a teoria darwiniana da evolução por seleção natural pode ser considerada fenomenológica. A interligação dos fenômenos estabelecida pelas teorias fenomenológicas confere-lhes *poder preditivo*, ou seja, a ocorrência de certos fenômenos pode ser teoricamente inferida da ocorrência de outros. A capacidade de predição é um dos mais importantes, senão o mais importante, traço da ciência. É comum considerar-se que a ciência tem, além disso, o objetivo subsidiário de *explicar* a ocorrência dos fenômenos, bem como sua obediência às leis fenomenológicas. Esse objetivo não é contemplado pelas teorias fenomenológicas, só sendo alcançado por teorias de outro tipo.

2) *Teorias explicativas ou construtivas.* Tais teorias postulam entidades e processos que transcendem o nível fenomênico, ou seja, que são inacessíveis à nossa observação direta, na tentativa de identificar as causas ou mecanismos pelos quais os fenômenos se produziriam. Os exemplos abundam na ciência: a mecânica estatística, a mecânica quântica, o eletromagnetismo, a genética molecular, a maioria das teorias químicas, etc.

Nas ciências ordinárias, teorias dos dois tipos comumente desempenham papéis complementares. Um caso importante é o da mecânica estatística, teoria construtiva que, pela postulação de uma estrutura atômico-molecular para a matéria, explica a maior parte dos fenômenos tratados pela termodinâmica. Do mesmo modo, a genética molecular oferece uma explicação para as leis genéticas fenomenológicas, como a mencionada anteriormente, relativa à cor dos olhos.

Do ponto de vista epistemológico, as teorias fenomenológicas e explicativas apresentam vantagens e desvantagens inconciliáveis. Por sua proximidade ao nível empírico, as teorias do primeiro tipo apresentam menos problemas de justificação, ou embasamento, e conseqüente maior estabilidade ao longo do progresso da ciência. No entanto, seu poder explicativo é bastante limitado. Por outro lado, para avançarem mais neste último aspecto as teorias construtivas precisam se distanciar do nível da experiência direta, suscitando delicados problemas de justificação. Tais teorias apresentam abertamente um caráter hipotético irredutível, sendo aquelas que mais sujeitas se têm mostrado às radicais transformações por que passa a ciência de tempos em tempos. Essas questões são objeto de um complexo debate filosófico, que naturalmente não cabe expor aqui.[3]

A TEORIA HOMEOPÁTICA FENOMENOLÓGICA

Assumirei agora, sem entrar no mérito da questão, que Hahnemann descobriu uma classe de fenômenos vitais, patológicos e terapêuticos especiais, a que denominarei *fenômenos homeopáticos*. Suas investigações desses fenômenos conduziram-no à identificação de um conjunto de leis fenomenológicas. Com sua notável capacidade científica, conferiu a tais leis uma estruturação típica de uma teoria científica completa. É essa teoria fenomenológica que, segundo sua apreciação explícita, trazia em si o que há de mais concreto no novo corpo de conhecimento. Ademais, enfatizou que era dela, e somente dela, que dependia a arte da cura homeopática. Foi apenas subsidiariamente que o fundador da homeopatia avançou além desse nível, formulando uma teoria construtiva para os fenômenos e leis fenomenológicas homeopáticos. Tal teoria introduz elementos ontológicos *sui generis* para explicar tanto os processos vitais e patológicos, como a ação dos medicamentos homeopáticos. Voltarei a comentar essa teoria mais adiante.

Por ora, gostaria de destacar, por meio de algumas citações, a compreensão clara que Hahnemann teve da existência de dois níveis teóricos na homeopatia, e sua firme defesa da primazia epistêmica e autonomia científica da teoria fenomenológica.

No parágrafo 27 do *Organon* Hahnemann enuncia de forma sucinta o princípio fundamental de sua teoria médica:

[2] Uma exposição mais detalhada de parte do conteúdo desta seção e das duas seguintes pode ser encontrada em Chibeni 2001a.

[3] Para uma discussão recente, e numerosas referências à literatura especializada, ver Leplin 1997.

Segue-se que, em qualquer caso particular, uma doença pode ser destruída e removida da forma mais segura, completa, rápida e permanente apenas por um medicamento capaz de fazer um ser humano [sadio] sentir uma totalidade de sintomas mais completamente similares à doença.

Logo em seguida acrescenta, no parágrafo 28 (o destaque é de Hahnemann):

Uma vez que essa lei natural de cura é confirmada em todos os experimentos objetivos e experiências autênticas do mundo, está estabelecida como um fato. Explicações científicas de como ela funciona são de pouca importância, e vejo pouco valor em tentar fornecer alguma.

Vejamos agora alguns trechos de seus *Escritos Menores*. Em uma de suas contundentes críticas aos sistemas médicos "racionalistas" de seu tempo, observa que seus defensores

"*colocaram a essência da arte médica, bem como seu maior orgulho, na explicação até mesmo do inexplicável*. Imaginaram ser possível tratar cientificamente os estados anormais do corpo humano (doenças) sem possuírem uma idéia *tangível* das leis fundamentais das condições normais e anormais da estrutura humana"(p. 489, itálicos de Hahnemann).

Acrescenta logo depois que eles alimentam "*a vã fantasia de que o objetivo da profissão médica é explicar tudo*" (p. 490, destaque no original). A mesma alusão à prioridade daquilo que é "tangível", daquilo que se observa, sobre quaisquer hipóteses que venham a ser levantadas sobre suas causas aparece em muitas outras passagens desses escritos. Comentando a natureza da medicina, diz, por exemplo:

"Essa arte, tão indispensável à humanidade sofredora, não pode, portanto, permanecer encerrada nas profundezas insondáveis das especulações obscuras, ou perder-se no vazio ilimitado das conjeturas. Há de ser acessível, *facilmente acessível* a nós, ficando dentro da esfera de nossas faculdades perceptivas externas e internas"(p. 439, destaque de Hahnemann).

Registremos, por fim, estas outras declarações:

A medicina é uma ciência de experiência; seu objetivo é erradicar as doenças por meio de medicamentos (p. 439).

O conhecimento da doença não pode ser nem um problema metafísico nem o produto de especulações fantásticas; é uma questão de pura experiência sensorial, porque a manifestação da doença só pode ser apreendida por observação (pp. 719-20).

Numerosas observações do mesmo teor podem ser encontradas nesses ensaios, bem como no *Organon* (ver, por exemplo, parágrafos 1, 6, 54, 70, 100 e 144)

O CARÁTER CIENTÍFICO DA TEORIA FENOMENOLÓGICA HAHNEMANNIANA

Passo agora a uma breve identificação das linhas gerais da teoria fenomenológica proposta por Hahnemann, com o objetivo de evidenciar que ela satisfaz, em princípio, os requisitos de uma ciência típica. Farei referência aqui à teoria da ciência formulada pelo filósofo Imre Lakatos, na segunda metade do século XX.[4] Segundo Lakatos, uma ciência genuína desenvolve-se em torno do que chamou de *programas científicos de pesquisa*. De forma extremamente simplificada, um tal programa consiste de uma estrutura teórica e de um conjunto de regras metodológicas.

No plano teórico, há uma divisão entre um núcleo de leis fundamentais, o "núcleo rígido", e uma série de leis auxiliares, que formam um "cinturão protetor" em torno do núcleo. São essas leis de importância relativamente menor que estabelecem a conexão dos princípios do núcleo com a realidade empírica, com os fenômenos.

No plano metodológico, Lakatos identificou dois tipos de "heurísticas": a *negativa*, que é a decisão de manter inalterado o núcleo ao longo do desenvolvimento do programa, e a *positiva*, que consiste num conjunto de regras, a maioria das quais tácitas, de como modificar o cinturão protetor com vistas tanto ao refinamento teórico interno como à melhoria de sua adequação empírica, ou seja, de seu ajuste aos fenômenos.

A inspeção da criação e desenvolvimento da homeopatia por Hahnemann, restrita, para fins de análise, ao seu nível fenomenológico, indica a presença de todos esses elementos básicos de um programa de pesquisa lakatosiano. Hahnemann salientou em diversas ocasiões que o núcleo de sua teoria consistia do princípio enunciado de forma compacta no parágrafo 27, anteriormente citado. Em certas interpretações divide-se aquele princípio em três: a lei dos semelhantes, a da totalidade dos sintomas e a da experimentação nos sãos. A meu ver, essa distinção é útil somente do ponto de vista didático. Mas não é preciso adentrar esse ponto aqui. Ressalto apenas que o princípio, ou conjunto de princípios, tem um caráter puramente fenomenológico, independendo totalmente das questões de como e por que os medicamentos agem do modo proposto.

Foi em torno desse núcleo que Hahnemann desenvolveu todo o resto de sua teoria fenomenológica. Adotou explicitamente a política de preservar esse núcleo (heurística negativa), apesar dos muitos problemas de ajuste empírico que caracterizaram

[4] Lakatos 1970. Para uma exposição simplificada das concepções de Lakatos e de outros filósofos da ciência contemporâneos,ver Chalmers 1982.

a fase inicial do desenvolvimento do programa, como o aparecimento de efeitos colaterais, a recorrência dos sintomas, etc. Procurou resolver esses problemas efetuando diversas adaptações nos princípios periféricos do programa (heurística positiva), como aqueles que dizem respeito à preparação dos medicamentos – foi assim, aliás, que descobriu, ou inventou, as "dinamizações", à prescrição dos medicamentos, à hierarquização dos sintomas, às abordagens específicas para as doenças crônicas e agudas, etc. Mesmo depois de Hahnemann o programa continuou seu desenvolvimento; a lei de Hering, por exemplo, é tida por alguns (como por exemplo Coulter 1977, p. 416) como a mais expressiva adição ao cinturão protetor do programa feita depois de Hahnemann.

Em suma, parece inegável que Hahnemann estruturou sua teoria fenomenológica em moldes genuinamente científicos, inserindo-a num produtivo programa de pesquisa. Lembro, no entanto, que a *efetiva* classificação do programa como científico depende da pressuposição que fiz há pouco, de que os fenômenos são reais e que são corretamente previstos pela teoria fenomenológica. Na linguagem filosófica, isso se denomina *adequação empírica* da teoria.

A adequação empírica é o requisito fundamental de qualquer ciência. Como todos sabem, no caso da homeopatia esse ponto foi desde o início objeto de dúvida ou descrença fora dos círculos homeopáticos. Para perplexidade geral, a situação perdura até hoje. O estabelecimento, em bases rigorosas, da adequação empírica da teoria fenomenológica hahnemaniana é o principal elemento faltante para a efetiva inclusão da homeopatia no domínio da ciência. Quase tudo além disso Hahnemann já fez, elaborando uma teoria consistente, hierarquizada, e inserindo-a num fértil programa de pesquisa.

Por um lamentável erro de apreciação, a discussão da cientificidade da homeopatia foi, há muito, se deslocando para a questão da explicação do mecanismo de ação dos medicamentos. Também se começou a pressupor que essa explicação teria necessariamente de ser buscada numa das ciências já estabelecidas (no caso mais comum hoje em dia, na física). Mostrar que a homeopatia é científica significaria mostrar que pode ser reduzida às ciências ordinárias. Comentarei essa segunda falha mais adiante. Por enquanto, saliento que deveria estar claro que a busca de uma explicação para os fenômenos homeopáticos não faz nenhum sentido enquanto a própria realidade desses fenômenos não esteja estabelecida além de qualquer dúvida, por meio de investigações experimentais rigorosas.

Ademais, conforme o próprio Hahnemann percebeu, com uma lucidez filosófica e científica que parece escassear hoje em dia, supondo-se estabelecidos os fenômenos e as leis fenomenológicas básicas, a questão da explicação *pode* permanecer aberta, sem que isso deponha contra a cientificidade do cerne fenomenológico da homeopatia, e menos ainda contra a sua aplicação terapêutica.[5]

A curiosidade científica não conhece limites. É, pois, de prever-se que, uma vez demonstrada a adequação empírica da teoria homeopática fenomenológica, os cientistas de diferentes áreas se debruçarão avidamente sobre o problema de sua explicação. Esse se tornará, sem dúvida, um dos maiores desafios científicos de todos os tempos, especialmente se a ação de medicamentos dinamizados além de 12C ou 24D ficar patente.

Quando afirmei que está faltando o estabelecimento rigoroso da adequação empírica da teoria, não ignoro, é claro, que o próprio Hahnemann cuidou disso com prioridade máxima. No entanto, não podemos deixar de notar que suas notáveis realizações nesse setor – perfeitamente suficientes para aquele estágio do desenvolvimento científico – não foram adequadamente continuadas e atualizadas. Não basta para os padrões atuais de evidência científica simplesmente dizer (com toda a verdade) que "Hahnemann já fez isso" e sugerir que se consultem os seus escritos. Tampouco vale simplesmente enfatizar que a prática médica homeopática está subsistindo há dois séculos, não sendo exclusividade de médicos e pacientes cientificamente simplórios ou fanatizados, e que isso conta como evidência experimental para a teoria homeopática fenomenológica.

Por ponderáveis que sejam essas considerações, especialmente para aqueles que já trabalham dentro do programa homeopático, permanece o fato de que não redundam na exibição de evidência experimental nos moldes rigorosos exigidos pela tradição científica atual. Gostemos ou não, temos de reconhecer que o trabalho neste campo está em boa parte por ser feito. A realização de experimentos controlados, conduzidos com objetividade e sem paixões sectárias, amplamente documentados, de caráter público e transparente, é o único caminho para encerrar a enfermiça polêmica sobre a legitimidade científica da homeopatia.

As diretrizes teóricas do programa hahnemaniano indicam duas áreas de investigação experimental: a experimentação nos homens sãos e a pesquisa clínica. Investigações de outro tipo estão, a rigor, fora do programa original. A teoria

[5] A quase generalizada confusão filosófica acerca desse ponto é bem ilustrada por esta afirmação de Kleijnen et al. no *British Medical Journal*, 1991: "The amount of positive evidence even among the best studies came as a surprise to us. Based on this evidence we would readily accept that homeopathy can be efficacious, if only the mechanism of action were more plausible." (*Apud* Bellavitte & Signorini 1995, p. 3.)

desenvolvida por Hahnemann nada implica, por exemplo, sobre o comportamento de pedaços de tripa de rato, células em cultura ou bactérias. Menos ainda, implica sobre a ação dos medicamentos sobre seres inanimados, como o são os aparelhos usados na física e na química. Desse modo, eventuais resultados negativos nessa área não trariam repercussões negativas para a teoria médica homeopática, que trata exclusivamente de seres humanos inteiros. Aparentemente, porém, o converso não vale, ou seja, se experimentos com aqueles objetos revelarem alguma ação dos medicamentos homeopáticos, esse será um dado positivo relevante, embora indireto, para a questão da adequação empírica da homeopatia.

Aqui alguns poderão alegar: "A homeopatia foi, e continua sendo, vítima de campanhas sujas, movidas por interesses inconfessáveis. As agências oficiais de fomento não nos fornecem recursos. Os laboratórios universitários estão fechados para nós. Os periódicos importantes não publicam o que escrevemos." Tudo isso é verdade, *mas apenas em parte*. Interesses escusos tiveram, sim, participação na criação de um ambiente hostil para as pesquisas homeopáticas. Mas como procurarei indicar no final, as falhas internas do próprio movimento homeopático, quando ele saiu das mãos do seu iniciador, têm ponderável parcela de responsabilidade nesse ponto.

Reclamar das adversidades e comodamente cruzar os braços não representa atitude cientificamente madura. Devemos nos lembrar que muitos dos inovadores e propulsores do progresso em outras áreas da ciência estiveram às voltas com resistências da ortodoxia da época. Souberam, no entanto, perseverar. Sua produção científica de alto nível venceu, com o concurso do tempo, todas as barreiras.

O mundo da ciência é mais aberto e isento do que querem supor os que se dizem "excluídos". Não tenhamos dúvida: se trabalhos experimentais rigorosos em homeopatia forem realizados, encontrarão lugar nas páginas das revistas internacionais de primeira linha (como, aliás, timidamente começa a ocorrer). Somente isso poderá reverter o atual quadro de embaraço e ceticismo.

Antes de prosseguir nessa arriscada tentativa de diagnosticar os males da atual atividade no campo homeopático, e de mapear rumos para o seu desenvolvimento futuro em bases mais sólidas, é preciso voltar a um plano mais teórico, e examinar brevemente a questão da explicação em homeopatia.

A EXPLICAÇÃO DOS FENÔMENOS HOMEOPÁTICOS [6]

O que é uma explicação científica? Tal questão, que não preocupa os cientistas treinados nas ciências maduras – eles tacitamente sabem identificar uma genuína explicação –, assume particular relevância nas áreas que ainda não se firmaram adequadamente no campo científico. Ela constituiu alvo de extensas discussões entre os filósofos da ciência, especialmente no século XX

Dentre as várias teorias filosóficas da explicação, a mais influente é, sem dúvida, aquela cujo principal defensor foi Carl Hempel, e que é conhecida como teoria *nomológico-dedutiva* da explicação.[7] Em termos simplificados, segundo essa teoria explicar é deduzir a partir de leis gerais. Assim, para explicar um fenômeno particular deve-se fornecer uma lei geral da qual decorra logicamente o enunciado que o expressa. A seu turno, as leis também podem ser explicadas, mostrando-se que são conseqüências dedutivas de outras leis, de caráter mais geral.

Em que pesem as críticas a que essa concepção da explicação foi submetida nas últimas décadas do século XX, ela possibilita a compreensão adequada de alguns aspectos importantes da atividade explicativa na ciência. Mostra, por exemplo, que tal atividade é sempre aberta, consistindo de uma cadeia de leis e teorias explicativas que efetivamente se interrompe num ponto, onde as coisas ficam sem explicação. É claro que, oportunamente, novos elos poderão ser aí acrescentados, num processo indefinido. Não há, na ciência, explicações últimas.

Uma segunda conseqüência correta da teoria de Hempel é a de que explicar não necessariamente significa "reduzir ao familiar". Embora a busca de explicações seja motivada pela busca de inteligibilidade, não se deve assumir que ela nos conduza ao que é "simples", "usual", "conhecido" ou "intuitivo". A história da ciência de fato nos mostra que as melhores teorias explicativas em geral são aquelas que postulam entidades e processos não-familiares, distantes do senso comum e mesmo do que se assume em teorias científicas aceitas anteriormente. Tomemos o já mencionado exemplo da lei de Boyle. Ela permite deduzir o enunciado de inúmeros fenômenos particulares sobre gases, fornecendo-lhes portanto, segundo a concepção nomológico-dedutiva, uma explicação de primeiro nível. No entanto, a explicação da própria lei requer a introdução das hipóteses altamente teóricas e complexas da mecânica estatística.

[6] Para uma exposição mais extensa dos tópicos principais desta seção, ver Chibeni 2001b.

[7] Uma exposição acessível dessa teoria, assim como de vários outros tópicos de interesse para a presente discussão, encontra-se em Hempel 1966. Outra obra clássica que pode ser consultada com proveito é Nagel 1979.

No que diz respeito à homeopatia, a concepção nomológico-dedutiva da explicação permitiria dizer que mesmo a teoria fenomenológica hahnemaniana possibilita explicações de primeiro nível, na medida em que fornece premissas precisas e estruturadas a partir das quais se podem inferir fenômenos homeopáticos particulares. E esse ponto não é invalidado pela eventual falta de uma explicação de segundo nível para a própria teoria.

No entanto, a explicação por mera subsunção dedutiva a leis gerais parece deixar-nos insatisfeitos. Boa parte das críticas à teoria de Hempel exploram justamente esse ponto. Argumenta-se que, num sentido mais profundo, explicações requerem a especificação de *mecanismos causais* pelos quais os fenômenos ocorrem e se submetem às leis fenomenológicas. Está claro que a mera subsunção a leis gerais não conduz automaticamente a esses mecanismos. A sugestão é, então, de que as leis e teorias genuinamente explicativas são aquelas que não apenas permitem deduzir os fatos a serem explicados, mas também especifiquem uma estrutura causal subjacente a esses fatos (ver, por exemplo, Salmon 1984). Adentra-se aqui num terreno movediço: o das hipóteses, das suposições sobre os constituintes inobserváveis do mundo. Cai-se, desse modo, no já mencionado *trade-off*: para se ganhar em explicação, perde-se em segurança. Em minha opinião esse balanço não pode ser decidido de forma geral e unicamente por argumentos filosóficos. Parece sensato que a questão seja decidida caso a caso, com a contribuição do tato científico de profissionais bem treinados.

No que diz respeito à homeopatia, a postura de Hahnemann foi eminentemente razoável. Como já salientei, ele reconheceu a existência dos dois níveis teóricos e percebeu a primazia e independência epistêmica, científica e prática do nível fenomenológico. Seguindo, porém, o que era e continua sendo usual na ciência, deu asas à curiosidade e adentrou o domínio das hipóteses sobre os mecanismos causais dos fenômenos, porém com plena ciência de que se tratava de uma investigação secundária, na qual se abre mão da certeza, devendo-se estar sempre pronto para efetuar revisões e mesmo mudanças de caráter radical. A moderação na busca de explicações é, aliás, uma das conseqüências da epistemologia empirista, a mais adequada para a análise do conhecimento científico. Poucas décadas antes de Hahnemann um de seus maiores expoentes, David Hume, escreveu no seu *Tratado da Natureza Humana*:

Nada é mais necessário para um verdadeiro filósofo do que a moderação do desejo destemperado de procurar causas. Tendo estabelecido uma doutrina com base em um número suficiente de experimentos, deve ficar satisfeito com isso, se perceber que o exame ulterior o leva a especulações obscuras e incertas. Nesse caso, seus esforços de investigação serão muito mais bem empregados no exame dos efeitos do que no das causas de seu princípio.[8]

Em outra passagem, que precede a análise crítica de certa hipótese que ele mesmo estava introduzindo, Hume comenta a cautela que se deve ter relativamente às hipóteses em geral:

Uma cuidadosa hesitação para aceitar uma hipótese nova é disposição tão louvável nos filósofos, e tão necessária ao exame da verdade, que merece nossa adesão, exigindo que apresentemos a eles todos os argumentos capazes de satisfazê-los, como também que afastemos toda objeção que lhes obstaculize o raciocínio (1.3.9.1).

Uma última observação sobre a questão da explicação na homeopatia diz respeito à distinção entre duas classes gerais de explicação aplicáveis ao caso. Na primeira estão as explicações que tomam por base as entidades e leis fundamentais de teorias bem estabelecidas de outras áreas da ciência, a física, por exemplo. Poderíamos denominá-las *explicações reducionistas*, já que procuram reduzir a realidade subjacente aos fenômenos homeopáticos, aos elementos ontológicos e nomológicos postulados por outras ciências.

A segunda opção consiste em introduzir uma ontologia e estrutura de leis próprias, *sui generis*, para dar conta dos fenômenos homeopáticos. São as explicações que se poderiam chamar *originais*. Como todos sabem, a teoria explicativa desenvolvida por Hahnemann é deste segundo tipo. O que poucos conhecem são as ponderáveis razões científicas que ele teve para não seguir a via das explicações reducionistas. Menos ainda se sabe que mesmo no quadro da ciência de nossos dias as perspectivas de desenvolvimento de explicações reducionistas para a homeopatia não são das melhores.

Infelizmente, parece haver uma pressuposição quase generalizada de que a explicação dos fenômenos homeopáticos e de suas leis tem de ser buscada na física (abandonada que foi a tentativa de redução à química). Ora, o ponto de vista que sustenta essa pressuposição é aquele que costuma entrar em moda nas fases de desenvolvimento mais linear da física, como no período áureo da física clássica, no final do século XIX. Diante do sucesso sem precedentes e do desenvolvimento cumulativo da física dos séculos XVIII e XIX, chegou-se a acreditar que ela havia identificado, ao menos em suas linhas gerais, a natureza última do mundo material. Alimentou-se a esperança de que com mais alguns refinamentos, seria alcançada uma descrição final e completa da realidade. Físicos respeitáveis sustentaram, nesse sentido, que a química, e depois a própria biologia, acabariam sendo reduzidas à física.

[8] Livro 1, parte 1, seção 4, parágrafo 6. (Nesta citação e nas duas outras feitas abaixo aproveito parcialmente a tradução brasileira de Déborah Danowski.) Lembre-se que à época a palavra 'filósofo' designava também o que hoje chamamos de cientista. Hahnemann evidencia ter sido fortemente influenciado pela epistemologia empirista; é provável que tenha lido suas obras, assim como as de Locke, sob a influência de Sydenham

No entanto, as transformações radicais experimentadas pela física de tempos em tempos, como as que ocorreram no início do século XX, bem como o exame dos fundamentos das teorias físicas, solapam as bases desse raciocínio reducionista. Paradoxalmente, a virtual totalidade dos pesquisadores ou curiosos que se ocupam da questão da explicação em homeopatia efetivamente trabalha dentro daquela linha de pensamento. É também singular que o fracasso sistemático das tentativas de explicação reducionista ao longo de quase duzentos anos não seja considerado ao menos como uma sugestão de que vale a pena explorar alternativas. É claro que esses comentários não significam que não se deva pesquisar ao longo de caminhos reducionistas, mas apenas que não se deve desprezar a exploração de explicações originais, favorecidas por Hahnemann e alguns de seus mais importantes continuadores.

Mais grave do que tudo isso é, porém, o fato de que as tentativas reducionistas contemporâneas têm, quase que invariavelmente, sido conduzidas sem o necessário preparo científico. Deveria ser claro que, dada a complexidade extrema do problema, sua investigação não apresenta chances de êxito sem uma sólida formação profissional nas áreas relevantes. Maciços esforços cooperativos – e não individuais, isolados – parecem ser requeridos aqui. Conforme, porém, já salientei, é ilusão imaginar que esses esforços serão empreendidos sem que antes o problema básico da comprovação rigorosa dos fenômenos seja resolvido.

É desconcertante observar-se o fluxo aparentemente interminável de propostas reducionistas de explicação fundadas num conhecimento de física haurido em obras de divulgação, ou até mesmo naquelas de má reputação nos círculos profissionais, como as que tentam mirabolantes aplicações da "física quântica" a toda uma gama de doutrinas "alternativas". De forma sem dúvida não intencional, essas pessoas contribuem poderosamente para o descrédito da homeopatia no mundo da ciência.

COMENTÁRIOS FINAIS

Essas últimas observações começam a indicar a justificação de uma afirmação que fiz anteriormente, de que as atividades no próprio campo homeopático têm boa parcela de responsabilidade pelo ostracismo científico em que a homeopatia ainda se encontra. Passo, pois, para terminar, a uma enumeração sucinta e provisória de alguns itens que deveriam ser considerados para encaminhar a homeopatia na direção segura de uma verdadeira ciência.

1. *Estabelecer a adequação empírica da teoria fenomenológica*, ou seja, mostrar que os fenômenos homeopáticos são reais e que a teoria os prevê corretamente. Conforme enfatizei anteriormente, esse é o nó da questão. Não obstante a ponderável evidência histórica e a evidência difusa na clínica homeopática, o caráter altamente complexo e não usual dos fenômenos, bem como os padrões atuais de produção e apresentação de evidência científica experimental requerem a renovação das investigações. Como também já notei, o próprio programa homeopático indica duas áreas de pesquisa: experimentação nos sãos e pesquisa clínica. Pesquisas que fujam a essas duas áreas fundamentais (como várias das relatadas em Bellavite & Signorini 1995) podem eventualmente mostrar-se relevantes, embora a sua interpretação seja uma questão delicada.

2. *Isolar e controlar as hipóteses explicativas*. A apresentação e análise dessas hipóteses deve ser isolada da apresentação, análise e aplicação prática da teoria fenomenológica. Assim como esta última não pode ser criticada pelas dúvidas que pairam sobre sua explicação, não precisa, nem deve ser defendida por uma batalha no campo das especulações explicativas. Essa estratégia equivocada de defesa tem sido uma das principais razões pelas quais a homeopatia não tem conseguido se firmar enquanto disciplina científica.

3. *Banir o amadorismo*. Talvez por causa de um entusiasmo irrefletido, tem havido falta de reconhecimento da existência de especializações e esferas de competência na ciência. As desastradas iniciativas nessa área fazem lembrar um irônico comentário de Hume acerca dos disputadores filosóficos movidos mais pelo fanatismo e pela moda do que pela razão esclarecida:

Tudo que tem um ar de paradoxo e é contrário às primeiras noções da humanidade, às noções mais despidas de preconceitos, costuma ser fervorosamente esposado pelos filósofos, como se mostrasse a superioridade de sua ciência, capaz de descobertas tão distantes da concepção vulgar. De outro lado, toda vez que alguém nos apresenta uma opinião que nos causa surpresa e admiração, é tal a satisfação que ela proporciona à mente, que ela se entrega inteiramente a tais emoções agradáveis, jamais se deixando persuadir de que seu prazer carece de todo e qualquer fundamento. É dessas respectivas disposições dos filósofos e de seus discípulos que nasce aquela mútua complacência entre eles, em que os primeiros fornecem uma abundância de opiniões estranhas e inexplicáveis, enquanto os últimos nelas acreditam com enorme facilidade (Treatise 1.2.1.1).

Atitudes desse tipo precisam ser contidas no campo homeopático. Que não se lhes dê publicidade, que sejam identificadas como alheias ao empreendimento homeopático profissional!

4. *Evitar a obsessão reducionista*. Não assumir, de forma dogmática, que as explicações tenham de ser buscadas no arcabouço das teorias científicas vigentes, especialmente as da física. A filosofia e a história da ciência mostram que a idéia de que a física encontrou, ou está próxima de encontrar, a descrição final da realidade é quimérica. Circunscrever a busca de explicações para os fenômenos homeopáticos – caracterizados, aliás, por impressionante peculiaridade – àquilo que a física, ou outra ciência da moda, diz num certo momento da história é jogar todas as fichas numa única, e incerta, cartada.

5. *Afastar o misticismo*. A índole da ciência não se compadece com a intromissão de doutrinas místicas. Dadas as confusões filosóficas reinantes, a homeopatia tem sido um dos alvos fáceis para essa intromissão. Cristais, pirâmides, astrologia, aromas, cores, conceitos de yin e yang, de "energias" fantásticas das mais variadas espécies, e até mesmo criacionismo bíblico não raramente são associados à homeopatia hoje em dia, na prática e até mesmo na teoria. É claro que cada um tem o direito de alimentar crenças seja no que for, mas esse tipo de associação desfigura o delineamento científico originalmente conferido à homeopatia por Hahnemann, contribuindo poderosamente para entravar o desenvolvimento do programa homeopático em bases científicas e, sobretudo, desacreditá-lo externamente.[9]

6. *Distinguir a homeopatia de terapias "alternativas"*. Problema semelhante surge quando não se distingue a homeopatia de propostas terapêuticas ditas "alternativas". Não é de minha alçada avaliar a eficácia clínica dessas abordagens (ou mesmo da própria homeopatia, é claro). Parece-me apenas que tudo isso tem de ficar bem separado da homeopatia, ao menos no campo conceitual e teórico. Os estudos contemporâneos em filosofia da ciência mostraram que a evolução de uma teoria científica pressupõe a delimitação clara de um conjunto de leis e de uma metodologia próprias. Cada programa de pesquisa assim constituído deve conter em si uma dinâmica própria de desenvolvimento. A enxertia de elementos conceituais, teóricos e metodológicos estranhos ao programa o descaracteriza e inviabiliza enquanto ciência, especialmente se provenientes de áreas cuja legitimidade científica não esteja estabelecida.

7. *Elevar o padrão das publicações e congressos homeopáticos*. A divulgação é vital para a ciência. Parte considerável da robustez das ciências maduras se deve ao desenvolvimento de padrões severos de avaliação do que se produz e divulga. Hoje o veículo principal de registro e difusão do conhecimento científico são os periódicos especializados. Eles contam com mecanismos de avaliação por pares, em geral em sistema duplo-cego. Esse sistema naturalmente não é perfeito, por vezes deixando passar o que não deveria, ou barrando o que deveria ser publicado. É, porém, o melhor já inventado, e suas falhas ocasionais acabam sendo corrigidas a médio ou longo prazos. A observação do que se publica em nome da homeopatia indica que a área ainda está longe de alcançar os padrões mínimos característicos das ciências já estabelecidas. Quer-me parecer que a produção de comprovado bom nível e que mereceria ser divulgada caberia, no presente, em uns poucos periódicos. Deveriam, pois, ser aproveitados e aperfeiçoados os melhores periódicos nacionais e internacionais já existentes, e toda a produção ser canalizada para eles. É claro que com isso se criaria uma massa imensa de textos "excluídos". Mas é assim mesmo que tem de ser; esse joeiramento é essencial à ciência. Os pesquisadores e autores da área homeopática têm de se acostumar a ver a maior parte do que produzem condenada às gavetas. Hoje quase tudo o que se escreve é publicado, por mais irrelevante ou estapafúrdio. Não faltam jornais, folhetos, livros de fundo de quintal, anais ou revistas não indexadas e sem sistema de arbitragem que dão espaço a esse tipo de produção. Suspeito que se tudo isso acabasse não faria muita falta ... Seria, ao contrário, uma contribuição valiosa para melhorar a imagem externa da homeopatia e, mais importante, formar uma cultura de rigor científico no meio homeopático. Observações análogas a essas valem para os congressos homeopáticos, e outras modalidades de eventos, que não podem prescindir de uma seleção severa dos trabalhos apresentados.

9 Para uma das várias passagens em que Hahnemann explicitamente ataca as doutrinas místicas em associação com a medicina, ver *Lesser Writings*, p. 490.

BIBLIOGRAFIA

BELLAVITE, P. & SIGNORINI, A. *Homeopathy, a Frontier in Medical Science. Experimental Studies and Theoretical Foundations*. Berkeley, North Atlantic Books, 1995.

CHIBENI, S. S. *On the scientific status of homeopathy*. British Homeopathic Journal, 90: 92-8, 2001a.

——. Hahnemann and the explanation of the homeopathic phenomenon. *Journal of the American Institute of Homeopathy*, 94(4):222-6, 2001-2.

CHALMERS, A. F. *What is this Thing called Science?* 2nd. ed. Buckingham, Open University Press, 1982.

COULTER, H. L. *Divided Legacy*. vol. 2. Washington, Wehawken Book Co., 1977.

HAHNEMANN, S. *Organon of Medicine*. Trad. J. Künzli, A. Naudé and P. Pendeleton. London, Victor Gollancz Ltd., 1986.

——. *The Lesser Writings of Samuel Hahnemann*. Ed. e trad. R. E. Dudgeon. New Delhi, B. Jain Publishers Pvt. Ltd., 1995.

HEMPEL, C. G. *The Philosophy of Natural Science*. Englewood Cliffs, Prentice-Hall, 1966.

HUME, D. *A Treatise of Human Nature*. D. F. Norton e M. J. Norton (eds.). Oxford, Oxford University Press, 2000.

HUME, D. *Tratado da Natureza Humana*. Trad. Débora Danowski. São Paulo, Edunesp, 2000.

LAKATOS, I. *Falsification and the methodology of scientific research programmes*. In: Lakatos & Musgrave 1970, pp. 91-195.

LAKATOS, I. & MUSGRAVE, A. *Criticism and the Growth of Knowledge*. Cambridge, Cambridge University Press 1970.

LEPLIN, J. (ed.) *A Novel Defense of Scientific Realism*. New York and Oxford, Oxford University Press, 1997.

NAGEL, E. *The Structure of Science*. Indianapolis and Cambridge, Hackett Publishing Company, 1979.

SALMON, W. S. *Scientific Explanation and the Causal Structure of the World*. Princeton, Princeton University Press, 1984.